

As várias fases da obra de Malangatana(v)

O horror das visões não saiu apenas dos contos populares

1971-1974, o contacto com uma sociedade diferente, não-moçambicana, não-africana. Prosseguimos hoje com a recolha dos comentários sobre esse período, que iniciámos na passada edição.

As exposições em Lisboa, de 1973 (pintura) e 1974 (desenho), são novamente recebidas pelo público e pela crítica portugueses, com grande agrado.

Na «Vida Mundial», Cartaxo e Trindade escreve, sob o título «Malangatana: realismo fantástico africano»: «(...) estes novos óleos representam muito mais um quotidiano de raiva, de ternura, de cio, de desespero e de esperança. Ele «viaja» neles, não só pela gritante cor mas ainda pela amarga verdade retratada.», e continua recordando-nos que: «A manifestação artística de Malangatana é seguramente documento marcante de um tempo e de uma «escola moçambicana». De salientar que, após a primeira fase de divulgação da «carreira artística» de Malangatana, e em meados da década de 60, surgem alguns artistas plásticos sob a sua égide, dos quais se destacam: Mankeu, Samate, Muhlana, Chichorro e Matsinhe (...).

«VER É PENSAR»

Rui Mário Gonçalves (1), no prefácio do catálogo da exposição de desenhos tenta dizer, com as limitações próprias da época repressiva que se vivia, algo mais sobre a obra de Malangatana:

«O modo de expressão tão imediato como é o desenho não poderia senão ser extraordinariamente revelador. Quem conhece as pinturas de Malangatana, reconhece nos seus desenhos a sua visão, mas descobre também o espírito de decisão na definição das formas, na escolha dos motivos, no registo das emoções, na essencialização dos temas. Descobre tudo isto num elevado grau de pureza, «quando os grandes sentimentos são os grandes pensamentos» (Garcia Lorca), quando a lucidez, a indignação, a ternura e a raiva se impõem como vivida verdade. Concreta. Presente.», e o crítico português continuava: «Quem conhece as suas pinturas e as suas

transformações ao longo do tempo, obra que gira sempre em torno do mesmo centro, verifica que é no desenho que as transformações mais fecundas acontecem primeiramente. Mais próximas do cerne da criação, os desenhos rom-

«África», uma daquelas obras de que a crítica disse: «Ver é pensar»



pem a brecha que separa a arte da vida. Malangatana procura sempre os sinais humanos, para combater e defender. Mobiliza-os. Coisifica-os. Não creio que interesse tanto falar de primitivismo a propósito do seu espaço sem vazios, como, a esse propósito, levantar o problema da necessidade, que alguns artistas em determinadas condições sentem mais agudamente que os outros: a necessidade de fortificação dos sinais, para que alheias alterações do contexto não deixem esquecer os factos e a sabedoria de onde brotaram. Malangatana é um desses artistas. Acumulam-se os seres humanos e os seus rostos. Acumulam-se monstros com olhos de gente: gente que actua como monstros. E para que se acumulem mais sinais na superfície do papel, as figuras tornam-se transparentes. E figuras grandes agregam outras de menor escala, porque olhar uma coisa faz lembrar outras. Ver é pensar».

O HORROR DAS VISÕES NÃO SAIU APENAS DOS CONTOS POPULARES

Este período, correspondendo aos primeiros contactos do artista com uma sociedade diferente, uma sociedade não-mocambicana, não-africana, que lhe trazem conseqüentemente uma vivência completamente nova, vivência essa que Malangatana vai aproveitar, não para se tornar lépido — parafraseando Lima de Freitas — mas para continuar cada vez mais escaudante, parece ser bem esclarecida pela análise de Francisco Bronze, outro crítico português.

«Em Malangatana há também a consciência da gravidade dos problemas que o seu povo vive (...). A consciência da realidade é sofrida até ao mais profundo do ser, e é por isso que ela se entrelaça e confunde com os sonhos e desejos do inconsciente, é por isso que ela se faz grito, vivência funda, realidade vivida.

«A pintura de Malangatana nada tem de exercício académico, é precisamente o contrário disso, e o seu autor seria certamente chumbado em todas as academias.

«A consciência do pintor identifica-se com os sofrimentos e com a alma de um povo, a sua pintura chega a ganhar a voz de uma ra-



Os espaços abertos da «Fase Suíça»

ça (...), diz-nos Bronze que insiste: «Mas evidentemente que o problema da autenticidade de Malangatana e o da sua profunda

muito teriam a dizer; mas as causas psicológicas, e mesmo as causas étnicas, terão de enquadrar-se numa dada realidade social e numa certa conjuntura.

«Algo nos diz que o horror das visões deste artista tão africano não sai apenas dos contos populares que sua Mãe lhe contava!

«Será por mera necessidade pictórica que nestas cenas de horror e de carnificina, em que seres monstruosos se entredoravam, as figuras são pintadas em cores contrastantes, sendo essa diferença de cor particularmente acentuada?».

Como artista profundamente mergulhado no povo, evidentemente que Malangatana não nos falava apenas da mitologia ronga e changane — falava-nos também (e principalmente) da realidade naquele momento dos povos ronga e changane, da realidade do povo mocambicano. Da opressão a que estava sujeito e da luta que contra ela travava...

A «FASE SUÍÇA»: UM LIRISMO DE QUE A REALIDADE NÃO SE AFASTA

Nesta sua segunda viagem à Europa, Malangatana demorou-se bastante na Suíça. E, daí, embora expostos conjuntamente com os outros seus trabalhos tanto óleos como desenhos surge uma nova fase. A que nos acostumamos a conhecer por «fase suíça».

De uma composição muito diversa da sua habitual — tanto no desenho como no óleo as superfícies deixaram de ser «repletas de sinais» para conterem grandes espaços abertos. De um lirismo intenso em que mesmo os pequenos monstros são simpáticos, em que na pintura as cores são mais alegres e no desenho é a pureza da linha simples que impera, esta fase é quase um momento de pausa. Mas não na realidade pois, ainda fazendo parte dela, o espaço começa a preencher-se, a sugestão do «mal» a marcar-se e a procura de uma solução a delinear-se.

identificação com os problemas de um povo, nada nos dizem sobre a definição ideológica da sua mensagem estética. Para o seu correcto entendimento, decerto que a psicologia e mesmo a psicanálise

(1) Este crítico português, ligado a todas as exposições de Malangatana em Portugal, é um dos convidados que deverá estar presente na Retrospectiva

J. N.